

MARÉ VIVA

Director Interino: JOSÉ RAFAEL TORMENTA

SEMANARIO

ANO X N.º 473 — PREÇO 17\$50 — 10/4/86

CONSTRUÇÃO CLANDESTINA:



Câmara estuda proposta de Rolando de Sousa

«Reconversão, criação de alternativas, repressão» são as palavras-chave da proposta de resolução do problema da construção clandestina apresentada pelo vereador socialista Rolando de Sousa. A Câmara procede neste momento ao seu estudo, prevendo-se a sua discussão e eventual aprovação para o fim deste mês ou princípios de Maio.

— REPORTAGEM NA PÁGINA 5

Joaquim Ribeiro ao M.V.:

«O sr. Fonseca, antes 24 horas era PSD; passadas essas já encabeçava a lista do CDS...»

— PÁGINA 4

FUTEBOL

Sp. Espinho, 1 - Leixões, 1

Um grupo para subida ao escalão máximo?

— PÁGINA 7

CARLOS MORAES:

Para quando a homenagem?

— ÚLTIMA PÁGINA

OLEG AKTOV

em Espinho no Sábado

— PÁGINA 3

ANOS

30:

REVIVER

OS TEMPOS

DO

CAFÉ-

-CONCERTO

— ÚLTIMA PÁGINA

Espinho acompanha o progresso bancário

Tal como vem acontecendo em outras localidades, também Espinho conta, desde há algum tempo, com a chamada Máquina Automática de Pagamentos, instalada no BNU mas ao serviço dos clientes de todos os bancos instalados na Cidade e da Caixa Geral de Depósitos.

Este serviço permite levantamentos até 20.000\$00 por dia, a requisição de cheques e a consulta de saldos de conta, o que é um inegável benefício para os utentes das instituições bancárias.

Já sabe, para estes serviços não perca tempo no banco, vá à máquina.

Outro serviço bancário está a ser lançado pelo BNU — O Primeiro Fundo de Investimento

após 1974. Com efeito:

«O Banco Nacional Ultramarino participa na constituição da Investil — Sociedade Gestora do Primeiro Fundo de Investimento Mobiliário a lançar no nosso país após 1974 — O «Fundo Invest».

Esta iniciativa, na qual o Banco Nacional Ultramarino participa desde a primeira hora, apresenta características que tornarão aliciante a aplicação de poupanças neste novo instrumento financeiro.

De facto, o referido fundo será constituído por uma carteira de títulos, diversificada, criteriosamente escolhida e gerida por especialistas, o que lhe assegura uma alta rentabilidade e segurança.

Acrescem ainda as vantagens fiscais que oferece aos detentores dos respectivos certificados de participação — isenção total de impostos e dedução a matéria colectável do Imposto Complementar até ao montante de 500 contos, além de lhes proporcionar uma liquidez imediata — em qualquer momento poderão ser reembolsados do capital investido.

As vantagens referidas permitem prever um êxito imediato e futuro para o «Fundo Invest» de que o BNU é o banco depositário, continuando assim esta instituição a incrementar o seu prestígio na área das aplicações financeiras da poupança, tão necessária ao desenvolvimento económico de Portugal.»

MARE VIVA

SEMANÁRIO

Director Interino:

José Rafael Tormenta

Chefe de Redacção:

Abílio Adriano

Redactores:

A. Casal Ribeiro
Filomeno Oliveira
Henrique Gomes
Mário Rui Silva
Salvador Almeida

Colabor. da Redacção:

Carlos Cruz
Henrique Santos
Morais Gato
Nunes Carneiro

Colaborador Especial:

Carlos P. Moraes

Colaboradores Locais:

Alice Rocha
Fausto Neves
Joaquim Fidalgo
Jorge Carvalho
Luís Costa
M.ª Alice Casal Ribeiro
Mário Correia
Mário Rui Neves
Orlando Cruz
Victor Sousa

Outros Colaboradores:

Agostinho Chaves
Álvaro Costa
Carlos Magno
José Queirós
Luísa Bessa
Margarida Portugal
Manuel Neto da Silva
Manuel Pinto
Manuel Tavares

Reportagem Fotográfica:

Clara Pinheiro
Mário Rui Silva

Paginação:

Augusto Mota
António Gato
Henrique Ferreira

Propriedade da Nascente
Coop. de Acção Cultural
Rua 62, 251 - Telef. 721621

Composição e Impressão:
Coop. Gráfica Espinho, C.R.L.
Rua 14, 903 - Telef. 721016

Redacção:

Rua 62, 251 - 4500 Espinho
ou Apart. 43 - 4500 Espinho
Telef. 721621

Assinatura semestral:

380\$00

Assinatura anual:

700\$00

Depósito Legal: 2048/83

Tiragem deste número:

2.000 exemplares

PCP

Comunicado à Imprensa

A Comissão Distrital de Aveiro emitiu um comunicado sobre os problemas de Finanças de Autarquias e FEDER, do qual passamos a transcrever algumas partes:

OS DINHEIROS DA CEE, AS AUTARQUIAS E AS ILUSÕES FRUSTRADAS NO DISTRITO DE AVEIRO

AS CARENCIAS SEMPRE ADIADAS

São bem conhecidas e sentidas pela população do distrito de Aveiro, as inúmeras carências existentes em todos os concelhos, cuja resolução vem sendo adiada ano após ano. (...)

Lembremos por exemplo, e segundo dados oficiais, que a rede de água cobre em 7 concelhos do Distrito menos de 20% da população (C. de Paiva, Estarreja, Feira, Murtosa, Oliveira do Bairro, Vagos e Vale de Cambra) e que a rede de esgotos em 11 concelhos cobre menos de 10% da população (Aguada, Anadia, Arouca, Aveiro, Castelo de Paiva, Estarreja, Feira, Murtosa, Oliveira de Azeiteiros, Oliveira do Bairro e Sever do Vouga).

A CEE «RESOLVE» TUDO

Entretanto nos anos que precederam a nossa entrada na CEE, assistimos a uma monstruosa operação de propaganda. A CEE seria uma espécie de «árvores das patacas» que resolveria todos os problemas.

É assim que em relação aos financiamentos da CEE através do FEDER (Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional), as autarquias apresentaram 779 projectos no valor de 37,4 milhões de contos.

Também as Câmara do nosso Distrito, em Outubro do ano passado, se candidataram ao FEDER para a obtenção de fundos que lhes permitissem resolver muitos dos problemas com que se defrontam. Os Planos de Actividades para 1986 foram mesmo elaborados, contando com os dinheiros da CEE para muitos empreendimentos. Muitas obras arrancaram porque as autarquias receberam instruções do Governo, através das Comissões de Coordenação Re-

gional e da Direcção de Desenvolvimento Regional para o fazerem, tendo sido dadas garantias às Câmara de que o dinheiro viria e os projectos apresentados seriam contemplados.

A IRRESPONSABILIDADE DO GOVERNO, E A DESILUSÃO

Das ilusões criadas sucedem agora as frustrações daqueles que pensavam obter financiamentos que não virão. Muitas autarquias não receberam um centavo do FEDER. No distrito de Aveiro, as 14 Câmaras integrantes do Programa do Baixo Vouga, cujo total de candidatura rondava os 731.700 contos, não receberam um centavo do FEDER. (...)

Recorde-se ainda que foi prometido às autarquias uma verba do FEDER de 14 milhões de contos, agora reduzida para metade, sem que o Governo desse conhecimento às Câmaras. Ocorreu perguntar que critério adoptou o Governo na distribuição dos fundos, quando às autarquias cabe a fatia mais pequena, 7 milhões de contos, sabendo-se que estes fundos se destinam precisamente ao desenvolvimento regional? (...)

É URGENTE REVER A LEI DAS FINANÇAS LOCAIS

(...) A proposta de Orçamento de Estado para 1986 apresentada pelo Governo na Assembleia da República, no que respeita às autarquias representa um agravamento da já difícil situação das Câmaras. A verba que o Governo quer transferir através do FEF (Fundo de Equipamento Financeiro) para as autarquias, representa um aumento de 15% em relação a 1985, quando a inflação foi avaliada para esse ano em 20%.

O PCP propôs na Assembleia da República um aumento mínimo de 24,857%, relativamente a 1985, para todos os municípios. Para o nosso Distrito, o PCP propôs uma transferência de 5.407.788 contos em vez dos 4.979.829 contos propostos pelo Governo. (...)

Aveiro, 26-3-86

A Comissão Distrital de Aveiro do P.C.P.

Constituição da República

A Constituição da República Portuguesa, foi promulgada em 2 de Abril de 1976 e para comemorar este 10.º aniversário realizou-se uma sessão solene na Assembleia da República a que esteve presente o Presidente da República e na qual intervieram os representantes de todos os Grupos Parlamentares e o Presidente da Assembleia, tendo as diversas Intervenções dado o sinal certo das suas disposições face à Constituição Portuguesa.

Os constituintes, livremente eleitos, consagraram na Constituição da República de 1976 os direitos e liberdades conquistadas pelos Capitães de Abril, naquela madrugada histórica que restituiu Portugal à Comunidade Democrática, da qual estivera afastado durante quase 50 anos de ditadura.

Este aniversário não deveria ser encarado apenas como mais uma efeméride pois continua a ser necessário que o Povo Português defenda o conteúdo democrático que os constituintes

lhe quiseram imprimir.

A defesa da Constituição, do Poder Local Democrático, dos Direitos e Liberdades dos cidadãos e da Ordem Política e Económica, que ela consagrou, tem de continuar a ser preocupação dos democratas portugueses que graças à sua luta impediram que na revisão de 1980 fosse conseguida uma maior desfiguração do texto inicialmente promulgado.

A Constituição Portuguesa, ao contrário do que dizem os que a usam como pretexto para as políticas que realizam e justificação da sua incapacidade para resolver os problemas do País e do Povo, continua a ser o baluarte que permite o regular funcionamento das instituições democráticas e a luta dos democratas.

É por isto que a LEI FUNDAMENTAL PORTUGUESA continua a ser alvo de ataques pelas forças conservadoras, mas também que continua a ser um bem precioso que importa ser defendido pelas forças progressistas.

pequenas notícias

PRESO POR ROUBO

A Polícia de Espinho capturou no passado dia 5, pelas 4.30 horas, um indivíduo de nome Jorge Luís da Silva Ribeiro, solteiro, de 20 anos de idade, sergente de tropa, residente em Espinho. Foi capturado por ter furtado vários artigos eléctricos e outro material pertencente à firma Sociedade de Construções, Lda., na rua 19, em Espinho.

O Jorge Ribeiro furtou ainda várias peças de roupa de um estendal no lugar de Moure em S. Félix da Marinha.

ROUBOS EM DUAS VIATURAS

No passado dia 2 queixou-se no polícia local, António Augusto Roseira de Oliveira, residente em Paramos, por no dia 31 de Março lhe terem furtado da sua viatura TR-84-85, estacionada na rua 16, uma carteira com vários documentos.

Ainda no mesmo dia foi apresentada outra queixa na mesma polícia, por Francisco Relvas Peixoto, residente em Esmoriz, por no mesmo dia 31 lhe terem também furtado da sua viatura 307FVD75, estacionada na rua 15, uma carteira e uma bolsa em calfe com vários documentos.

Mais uma vez os «amigos do alheio» não resistiram à tentação das carteiras deixadas pelos senhores automobilistas dentro dos seus automóveis.

MODAS MENDES

LANIFICIOS
MODAS — CAMISARIA
R. 16 n.º 683 - Tel. 720168
ESPINHO

Carlos Albuquerque Pinho

MÉDICO
Doenças do aparelho digestivo
Endoscopia digestiva
Consultório:
Rua 31 n.º 321
Telef. 724401 — ESPINHO

Casa ZÉ

PAPELARIA — LIVRARIA — TABACARIA — UTILIDADES
FOTOCÓPIAS

José Alfredo Soares Rodrigues

RUA 19 N.º 1451 - APARTADO 164 - 4502 ESPINHO Codex

TOPONÍMIA

Há algumas ruas que desde há alguns anos se encontram sem as respectivas placas toponímicas, algumas das quais terão sido destruídas e nunca mais substituídas.

Numa terra como Espinho em que os números são a verdadeira identificação das ruas, tais placas tinham como objectivo principal homenagear as diversas personalidades ou institui-

ções e por isso devia ser preocupação do Município repô-las tal como existiram, sempre que desaparecem.

A título de exemplo mencionamos a placa da rua 2 (que julgamos ser de homenagem às Forças Armadas e ao 25 de Abril), a da rua 8 (que homenageava o Dr. Gomes de Almeida) e a da rua 19 (homenagem ao Dr. Ferreira Soares),

havendo provavelmente ainda outras para rapôr.

É evidente que haverá que ter a preocupação de verificar os verdadeiros termos das deliberações para que as placas novas correspondam à intenção e redacção dessas deliberações toponímicas.

Ficamos cientes de que as ruas de Espinho ficarão rapidamente com as respectivas placas toponímicas, como é de justiça.

O ABUSO E O TABU

JOSÉ QUEIRÓS *



Foi notícia, em finais de Março, o primeiro caso de aborto legalmente provocado em Portugal a uma vítima de violência sexual. No caso, uma jovem de 15 anos, que fora violada pelo próprio pai. No dia 30, o «Jornal de Notícias», entre outros, reportava o escândalo: o senhor bispo de Aveiro (e presidente da Conferência Episcopal Portuguesa) condenava o acto médico e a decisão jurídica que o legitimara, e opinava que a jovem violentada deveria ter sido aconselhada a desenvolver a gravidez... «como forma de martírio».

Não comento, aqui, a frase ignara, nem o supremo abuso que ela encerra. Fê-lo já, de forma admirável, na edição seguinte do «JN», o jornalista Manuel António Pina, num texto em que sugeria ao hierarca católico que aceitasse, ele, «como forma de martírio», o cumprimento das leis da República.

O que quero destacar é o sentido de novidade que a publicação (na imprensa portuguesa) de um texto como esse continua a suscitar-nos, em pleno ano de 1986 da era cristã. Num país onde ninguém estranha (e ainda bem) ver um cidadão dizer em letra de forma o que pensa do Governo, dos políticos, dos serviços públicos, dos programas de televisão ou

do que quer que seja, há duas instituições que permanecem a tal ponto imunes à crítica pública que as raras excepções a esse tabu não deixam de provocar, ainda, um efeito de surpresa. Essas instituições são, como se sabe, as Forças Armadas e a Igreja Católica. E se, no primeiro caso, é quase escandalosa a ausência de meios de controlo (e defesa) de cidadãos face ao que se passa na tropa e ao que a tropa faz (se é que faz alguma coisa), no que diz respeito à Igreja romana a discussão pública das suas posições torna-se necessária na exacta medida em que ela intervem com frequência — e com os seus conhecidos meios de pressão — nos assuntos públicos do Estado laico em que vivemos, e até na vida privada dos cidadãos que lhe professam os dogmas.

E, afinal, se o senhor bispo de Aveiro tem o direito (e tem-no sem dúvida) de dizer o que disse, porque diabo se não há-de dizer e escrever que o que ele disse desperta, no mínimo, um justificado sentimento de repugnância moral? E que representa — por muito legítima que seja a ideia que o inspirou — uma ignorância agressiva em assunto privado que lhe não diz respeito?

A normalização da vida co-

lectiva passa também pelo desaparecimento dos últimos tabus que pesam sobre a livre circulação das ideias. Nada justifica o silêncio reverente que continua geralmente a rodear as tomadas de posição da Igreja Católica, cujos chefes estão longe de guardar igual reserva perante os assuntos públicos ou os do foro privado de cada cidadão.

A margem: Nem só a Igreja Católica deveria abster-se de querer impôr regras que invadam a esfera de decisão moral dos indivíduos. Idem, aspas para os órgãos do Estado. A lei do aborto (qualquer lei do aborto, e seja qual for o grau de hipocrisia social que acolha) é uma violência. Tal como da Igreja se espera que faça a propaganda da sua respeitável opinião nesta matéria, do Estado deveria esperar-se, apenas, a garantia das condições necessárias às operações de interrupção voluntária da gravidez, nos hospitais públicos, pelos médicos que aceitam realizá-las. Pela razão elementar de que as mulheres que, em sua consciência, optam por abortar, são, como as outras, cidadãs contribuintes que sustentam os orçamentos dos serviços de saúde e segurança social.

* Jornalista de «O Expresso»

Problemas laborais na Solverde

O Sindicato dos Profissionais de Banca dos Casinos realizou uma conferência de imprensa onde vários dirigentes expuseram as razões dos conflitos laborais com a concessionária do casino, a Solverde.

Desrespeito do Contrato Co-

lectivo de Trabalho, repressão e intimidação dos trabalhadores, são acusações que os dirigentes sindicais e o jurista do sindicato, fazem à Solverde, contra a qual estarão a ser movidas acções judiciais com pedidos de indemnizações aos trabalhadores

que atingirão os 40 mil contos. Em próximo número faremos notícia desenvolvida sobre os documentos fornecidos e as declarações prestadas na conferência de imprensa, que se realizou com o jornal já composto.

Comemorações do 25.º Aniversário do Homem no Espaço com a presença de Oleg Atkov, astronauta recordista

O astronauta que conta com mais tempo de permanência no espaço, Oleg Atkov, estará em Espinho no próximo sábado dia 12 de Abril, pelas 17 horas, no Salão Nobre da Piscina.

Exactamente nessa data celebra-se o 25.º aniversário da 1.ª Viagem de um ser humano pelo espaço, evento que ocorreu a 12 de Abril de 1961 e cujo protagonista foi Yuri Gagarin.

Oleg Atkov, que visita Espinho graças ao G.E.U. (Grupo de Estudos do Universo) esteve no espaço durante 237 dias consecutivos. Para além de astronauta é ainda especialista em Medicina Espacial.

Eurico da Fonseca fará, como apresentação, uma pequena palestra sobre «A História do Homem no Cosmos».

A organização, do GEU, conta com a colaboração da Associação Portugal-URSS e os patrocínios da Solverde, da C. M. Espinho, FAOJ, Gov. Civil de Aveiro, J. F. Espinho, Ass. Comercial, JNICT e da Fundação C. Gulbenkian.

CEMITÉRIO

Data de Novembro de 1984 uma deliberação da Câmara para ser construída uma Pedra de Repouso na zona nova do cemitério de Espinho.

Porque será que ainda não está no lugar? Será por dificuldade de projecto? Haverá falta de verba? Faltarão meios à Re-

partição Técnica?

Creemos que nenhuma daquelas suposições pode justificar o atraso e ficamos esperançados em que não passe outro tanto tempo até ser instalada, pondo-se fim à situação actual para maior dignidade das cerimónias fúnebres.

NÓS E O LEITOR

A propósito

de uma entrevista radiofónica

O entrevistador pô-lo perante o caso muito recente de uma jovem de 15 anos que, engravidada pelo próprio pai, foi autorizada judicialmente a abortar, o que veio a acontecer num hospital. Resposta do entrevistado:

— Essa jovem devia ser ajudada a assumir a maternidade, como uma forma de martírio.

(Entrevista do bispo de Aveiro à Antena 1, em 29.3.86, no programa «Nem Mais Nem Menos».)

— x —

Discutia-se a legitimidade do aborto e um dos presentes invocou o problema concreto daquela jovem. Uma senhora de cerca de quarenta anos, que tinha a sua lado uma filha que

ainda não teria dezoito, asseverou que o ponto de vista da Igreja estava correcto e que, tal como o prelado, achava que a um crime não devia responder-se com outro crime.

— Imagine, então, que se tratava da sua própria filha e que o criminoso era, portanto, o seu marido.

A senhora ficou fora de si. Respondeu aos berros, investindo o seu interlocutor com os impróprios que lhe vieram à cabeça. Ele escutou-a calmamente e quando a mulher, a arfar, se calou, observou com serenidade:

— A senhora acaba de dar a melhor resposta.

Este episódio é pura imaginação mas bem podia ter ocorrido.

António Letra

Agradecimento

DR. MOREIRA DA COSTA agradece reconhecido, por este único meio, a todos quantos se interessaram pela sua saúde durante o período de doença que atravessou.

A. Moreira da Costa

CLINICA GERAL

Rua 19, 364 — Tel. 721218
2.ª e 6.ª feira

Rua 16, 789 — Tel. 722695
3.ª feira

AUTO-ZAETA

Excelente garagem de recolha de carros, aluguer barato, Reparacoes dos mesmos.

Rua dos Limites
Lugar do Mocho — ESPINHO
Telef. 721752 — Residência

Café * Snack - Bar

NITÁ

Especializada em:

Pratinhos Regionais

R. 18 — Frente ao Mercado

SUPERMERCADO DO LAR DO PICOTO

Agentes exclusivos dos LUSTRES CRISTALUZ e BRONZES SUPER
DISTRIBUIDORES dos papéis: VYMURA, PARETA, MAY-FAIR,
COSTA VERDE, COLOWALL, etc.

Das alfaiatas: PEROLA, LIDER, ROBILON, LOTUS, TAITI, etc.
CARPETES tipo oriental, electrodomésticos, louças, móveis, candeeiros,
adornos, colchões, tapetes e tudo para o seu lar.

SEDE: Est. Nacional 1 Tel. 7643575 — PICOTO - FEIRA
FILIAL: Rua 62 n.º 227/231 Tel. 722986 — ESPINHO

JORGE RELVAS MULTICOISAS

DISCOTECA - RELOJOARIA
TV - APARELHAGENS DE
SOM - PORCELANAS
BRINQUEDOS - ETC.

AVENIDA 24 N.º 217

FAMOPOL

ANTÓNIO DA SILVA MIGUEL

Fábrica de peças em Poliéster, Caixas para Atrilados
Revestimentos em Carrinhas, etc.

Esmoifões - Anta — Tel. 720559/723169 — 4500 ESPINHO

JOAQUIM RIBEIRO:

«Para nós o tempo não contava...»

Ao fim de 3 meses de existência de um novo executivo, o que pode dizer um ex-vereador sobre o passado, o presente e o futuro da «sua» autarquia?

As respostas aqui ficam.

MV — Ao fim de três meses qual a sensação que tem por, tendo sido vereador, se encontrar agora de fora dessa actividade?

JR — Em primeiro lugarerei de dizer que a minha actividade como vereador foi passageira, apenas um ano, em que dez meses foram como elemento efectivo em regime de permanência a meio tempo. Apesar de só dever fazer 50% do tempo normal diário, fazia-o na ordem dos 75%, tendo por isso ultrapassado o mínimo exigido como actividade a bem da comunidade, assim como o Eng. Casal Ribeiro, que estava nas mesmas condições que eu. Para nós o tempo não contava.

Respondendo verdadeiramente à sua pergunta direi que o período de três meses, fora da actividade não alteraram em nada, os meus deveres de cidadão desta comunidade, observando atentamente o decorrer da actuação do novo elenco camarário. Estou satisfeito por ter voltado à minha actividade profissional descansadamente.

MV — Se lhe pedisse uma opinião sobre a equipa com quem trabalhou na Câmara, vereadores, que diria?

JR — A Câmara era constituída por uma equipa política que integrava uma equipa de trabalho. A equipa política era a que aparecia às sessões públicas. A equipa de trabalho era constituída pelos vereadores a tempo inteiro e meio tempo.

Qualquer das equipas não funcionou cabalmente, porque considerava verificarem-se, por vezes, interesses demagógicos, eleitoralistas ou pessoais. Para mim só havia uma solução: retirar-me da votação, para que esta se fizesse de acordo com as conveniências. Nos casos em que observava que o assunto era para votação democrática, «SIM ou NÃO», exercia-o de acordo com a minha consciência.

Julgo ter respondido à sua pergunta; contudo, isto serve a quem serve.

MV — A figura de Artur Bártolo foi sendo, neste último mandato, contestada relativamente a algumas questões como a estação da CP, o Parque da Cidade, o caso do «Espinho Vareiro». Que pensa deste homem e destas atitudes?

JR — As contestações a Artur Bártolo, sobre os temas que aponta, respondo o seguinte:

ESTACÃO DA CP — Só pode existir contestação pelo adiamento consecutivo na resposta atempadamente ao processo. Sentiu-se a falta de coragem para enfrentar o problema e ainda hoje não sei quais as razões. Felizmente apresentou-se uma solução à CP e que foi bem aceite que eu considero ser a melhor solução no momento. Não se reduzem a Rua e a Avenida 8 nas suas larguras, e num futuro próximo não acarreta complicações para o trânsito citado.

PARQUE DA CIDADE — A contestação ao sr. Bártolo por este caso é relativa, tanto mais que a Câmara perdeu a acção nos respectivos tribunais. Daí, não sei até que ponto haverá legitimidade para organizar um novo processo de expropriação. Será que a área que se pretende adquirir é aquela que os regulamentos fixam em relação à área concelhisa, urbana e populacional? Ou será menor? Ou não será esta?

As áreas que a Câmara possui actualmente não serão as necessárias e suficientes para o fim em vista e definidas nos Quadros Sínteses Nacionais? Julgo que estes casos foram ponderados pelo sr. Bártolo.

ESPINHO VAREIRO — Sobre as atitudes tomadas pelo sr. Bártolo com o referido Jornal, não o foram individualmente. Não comentando as atitudes só sei que «denegri indevidamente» quem ocupava e ocupava lugares no elenco Municipal e até ao Elenco em si, não deve passar impune. Quanto às atitudes tomadas contra o jornal, se são ou não correctas, cada um o julgará por si.

JULGAVA QUE TUDO FUNCIONAVA COMO QUANDO ERA FUNCIONÁRIO...

MV — Como vereador que votou contra a existência de vereadores a tempo inteiro, qual é agora a sua opinião? Considera positiva a sua experiência como vereador a tempo inteiro? Poderia ter sido melhor?

JR — Votei contra, porque julgava que tudo funcionava como no tempo em que fui funcionário. Hoje não se passa assim.

Considero que votei mal, e por isso dou a mão à palmatória.

No curto espaço de tempo de serviço, como vereador a meio tempo, julgo que foi positiva, permitiu um melhor conhecimento e estudo dos problemas. Poderia ter sido melhor, mas não o foi, porque não se trabalhou em plena sintonia, não tendo sido permitido uma acção mais directa, para actuar e intervir em pontos concretos. Essa autoridade é bem precisa para benefício da comunidade.

MV — Acha que a Câmara está estruturada de modo a responder às necessidades do município?

JR — Penso que não. A curto prazo de tempo a estruturação não será possível. O recrutamento de mais pessoal no apetrechamento das diversas secções com mais maquinaria, não será a forma ideal para resolver as carências dos serviços. Há uma necessidade imperiosa de chefias competentes e eficientes para darem correcto, rápido e devido atendimento às solicitações da comunidade. Teriam que surgir alterações e reestruturações nos quadros, devendo-se usar um critério correcto de selecção, com o fim de se promover os funcionários que tivessem demonstrado competência, vocação para o cargo a ocuparem, idoneidade e integridade moral.

Nessa base a máquina municipal funcionaria, embora demorasse a sincronizar para trabalhar em pleno.

O actual elenco camarário ainda não mostrou as suas capacidades, nem tão pouco em programa, para resolver tal problema.

MV — Tendo sido vereador eleito pelo CDS, como encara que o CDS tenha escolhido para cabeça de lista à Câmara uma pessoa que diz não ser, nem nunca vir a ser, do CDS?

JR — Quando fui eleito pelo CDS, fui como independente, ocupando o 2.º lugar da lista proposta, por circunstâncias especiais. Atendendo que o sr. Valdemar Martins, por razões profissionais, no último mandato, não pode dar assistência plena aos serviços para que foi nomeado, declinou o lugar e eu tive de o ocupar. Daí a minha representação partidária nessa época.

Quando ao cabeça de lista proposto pelo CDS para esta legislatura, é mais um problema de partidos que me transcende; no entanto, acho muito má a atitude do partido. O sr. Fonseca ao Maré Viva, em devido tempo disse tudo, antes 24 horas era PSD, passadas essas, já encabeça a lista do CDS, pro-

posta pela Comissão Política Distrital de Aveiro do CDS.

Não faço comentários e a razão virá ao de cima em devido tempo. Há que aguardar os efeitos para os dois partidos.

SE O NOVO EXECUTIVO NÃO ACELARAR A SUA ACTUAÇÃO...

MV — O que pensa sobre o novo executivo?

JR — Três meses decorridos só dão tempo para uma apreciação superficial, relativa, com previsões para futuro.

Uma só sessão pública mensal, segundo a opinião geral da comunidade, pretendem escusar os municípios dos esclarecimentos, podendo o executivo actuar mais a seu belo prazer.

Mesmo assim, a frontal actividade sobre as questões que são presentes em sessão, não surge. Ninguém expõe o seu parecer em voz alta a não ser o Presidente, honra lhe seja feita.

Duas sessões públicas dariam um aspecto de mais transparência, palavra tão em voga no burgo.

São já passados três meses, e se o Executivo não acelerar a sua actuação, nem chega a dar cumprimento ao plano de actividade que tem.

MV — Julga que a existência de um vereador da APU, tem sempre influência no funcionamento do actual Executivo?

JR — Um vereador da APU, tem sempre influência em qualquer elenco Municipal, tanto mais que representa uma percentagem significativa do eleitorado. Não deixarei de exortar a muito válida actuação do vereador da APU nos mandatos transactos.

Os trabalhos e intervenções que surgirem no decorrer dos mandatos foram sempre muito cretiosos.

Votei contra propostas apresentadas pelo vereador da APU, defendendo a tal transparência que muita gente invoca. A actuação do sr. Eng. Casal Ribeiro era



transparente, além da camaradagem e lisura que lhe é peculiar. Se não o compreenderam, a culpa não foi dele.

MV — Na sua opinião, a partir de agora o poder autárquico vai estar mais dependente do poder económico?

JR — Estar ou não mais dependente do poder económico, só pode ser apreciado no decorrer do mandato. Assim aguardarei o decorrer das actuações e na altura própria tirarei as minhas conclusões.

MV — Como pensa que devia ser encarado o problema dos Serviços Municipalizados, face às dívidas com a EDP?

JR — O problema dos Serviços Municipalizados é complexo, não é só a dívida à EDP. Ninguém se atreveu a apresentar uma nova proposta racional, não para a integração na EDP, mas sim para o pagamento da dívida. O Eng. Casal Ribeiro apresentou sugestões, mas ninguém deu atendimento, pelo menos assim o julgo e a história é complicada e longa. Surgiram propostas da Assembleia Municipal mas tudo ficou na mesma. Quando for resolvido pelo Governo o caso do Porto, o de Espinho deve ser resolvido por analogia. Julgo que as tarifas deveriam ser ajustadas aos poucos com o fim de se chegar a tarifa real; é tentar-se dar algum por conta da dívida à EDP. Quanto aos juros debitados é um caso para discussão com a EDP e com o Governo. A nível dos utentes, a integração na EDP, a experiência tem demonstrado que o serviço piora segundo informações em que foi efectuada a integração. Dar a exploração é uma coisa

continua no página 6

PARA COMPRAR BOM CAFÉ

Casa ALVES RIBEIRO

Torrefactor de Café

ESTABELECIMENTO DE VENDA AO PÚBLICO
RUA 19 N.º 294 ESPINHO

Madeira da Costa

CIRURGIA GERAL
E VASCULAR

Rua 20 n.º 620-1.º
Telefone 721014
ESPINHO

Ernesto Ferreira

ODONTOLOGISTA
Boca e Dentes

Rua 18 n.º 582 - 1.º Dto.
Telef. 721810 — ESPINHO

JOSÉ OLIVEIRA

SOLICITADOR

Escritório:
Rua 19 n.º 401 - 1.º
Telefone 720093
ESPINHO

O Recanto

ALBERTO JOSÉ PEREIRA REIS
Mobilitário Artístico
e Decorações
Rua 12 n.º 593 — ESPINHO
Telef. 723299

A VARINA

Especialidades:
Arroz de marisco, Lulas,
Caldeirada, Bacalhau, Rojões
e as famosas papas de
sarrabulho.
SERVIÇOS PARA FORA
R. 2 n.º 1269 — ESPINHO
Telef. 724630

Construção clandestina:

Rolando de Sousa propõe nova estratégia de intervenção

«Hoje, mais do que nunca, é necessário encontrar e aplicar as soluções possíveis que existem, mas que têm sido proteladas. É essa a grande opção que agora se nos coloca: ou o imobilismo gerador da ilegalidade ou a acção dinâmica e equilibrada geradora de alternativas mais justas» — assim termina a «proposta para uma intervenção no problema da construção clandestina no concelho de Espinho» recentemente apresentada à Câmara pelo vereador Rolando de Sousa. Enquanto o Executivo estuda a proposta, expomos aqui as suas grandes linhas de acção.

A primeira parte da proposta consiste numa «Introdução» que se destina a fazer o ponto da situação. Sobre a dimensão e caracterização do fenómeno da construção clandestina no concelho, Rolando de Sousa socorreu-se dos dados do «*Dossier Construção Clandestina*» publicado, em 1983, no «Espinho Vareiro». De uma forma geral, os elementos então recolhidos estão ainda actualizados. Outra faceta do problema é a falta de informação disponível na Câmara não sendo assim «possível quantificar, localizar e analisar o problema em toda a sua extensão». Esta falta de informação é sensível a quatro níveis: «cartografia desactualizada», «inexistência de um processo eficaz de actualização permanente das plantas», «ausência de uma informação rigorosa sobre os terrenos que a edilidade possui e sobre outros com eventual interesse municipal» e «inexistência de um levantamento das carências habitacionais do concelho».

A NOVA ESTRATÉGIA DE INTERVENÇÃO

A proposta apresenta como viáveis três tipos de solução: «demolição das construções existentes e repressão das ilegalidades futuras»; «manutenção da tolerância actualmente existente e consequente agravamento da situação»; «reconversão das construções clandestinas existentes e condicionamento planificado da previsível expansão futura do fenómeno». Depois de considerar que «a primeira solução é moralmente inaceitável» e «a segunda socialmente indesejável», Rolando de Sousa afirma que «a opção de fundo parece residir na adopção de uma *nova política* com medidas globais e complementares, baseada na *reconversão* dos núcleos já existentes, na *criação de alternativas* coerentes e na *repressão* eficaz de todas as tentativas de construção clandestina surgidas posteriormente».

Os princípios fundamentais desta nova política são: «sensibilização e informação das populações»; «delimitação concreta dos actuais núcleos e contenção imediata de todas as tentativas de expansão para fora dos seus perímetros»; «obtenção de terrenos, designadamente na proximidade dos núcleos já existentes»; «reconversão das construções existentes que, apesar de ilegais, possam ser adaptadas à situação nova que resultará da intervenção municipal»; «estudo e definição de zonas de construção prioritária»; «repressão eficaz através de Edital e rigorosa fiscalização».

AS FASES DA INTERVENÇÃO MUNICIPAL

A proposta de Rolando de Sousa prevê o desenvolvimento da acção municipal em três fases: *informação, intervenção e repressão*.

Na primeira fase, «os esforços da autarquia devem ser orientados para o fornecimento aos seus serviços de uma informação completa sobre a situação actual (e evolução recente) e para a sensibilização da população para as propostas alternativas que estão a ser criadas». Prevê-se a realização de um *inquérito-amostragem* em cada um dos núcleos existentes, a actualização da cartografia, um inquérito às carências habitacionais do concelho e o início de uma campanha de sensibilização.

Na segunda fase, a mais importante por ser aquela em que serão mais visíveis os efeitos de toda a proposta, prevê-se: a «delimitação e caracterização dos núcleos existentes»; «estudo e definição das zonas de construção prioritária»; isto é, das áreas onde será possível começar a construir de imediato e legalmente; «compra e/ou expropriação dos terrenos (...) indispensáveis para a criação das zonas de construção prioritária»; «infraestruturação das zonas de construção prioritária a cargo da autarquia»; «venda dos terrenos a preços concorrenciais de forma a intervir e influenciar o mercado».

Na terceira fase, a autarquia adoptará as «medidas preventivas de futuras ilegalidades», através de um Edital e da campanha de sensibilização que decorrerá ao longo de todo o processo.

Nas «notas finais», Rolando de Sousa defende que o problema requer «uma solução política apoiada no contributo dos técnicos» e, ao mesmo tempo, «recurso a soluções pontuais e precárias». Uma estratégia de intervenção global — esta a aposta do vereador socialista.

Aguarda-se agora, com expectativa, a discussão e votação desta proposta pelo executivo camarário. Considerando que é um assunto do maior interesse para o concelho, espera-se que seja agendado para uma das (poucas) reuniões públicas da Câmara.

CONTRALUZ

A solução possível

1. A grande novidade da proposta de Rolando de Sousa é, ao mesmo tempo, o seu grande mérito, consiste na sua inequívoca vontade de encontrar uma solução global.

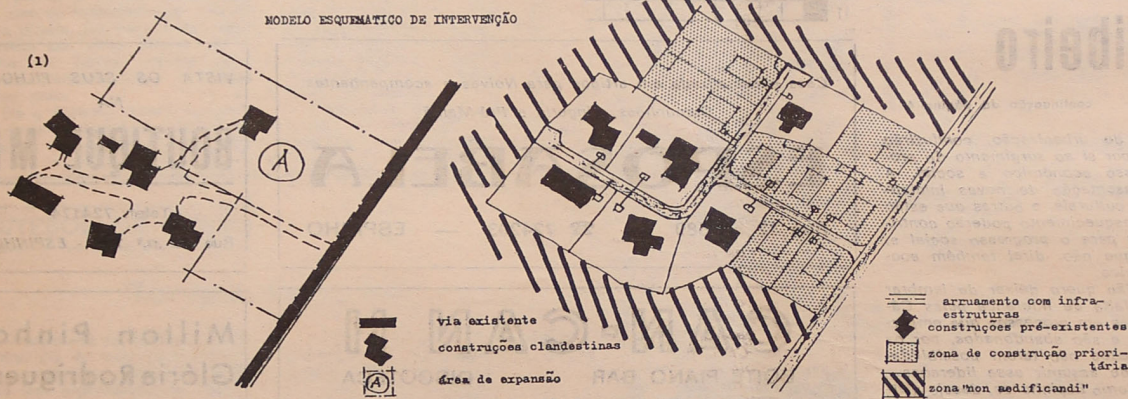
A estratégia de intervenção definida não limita a acção municipal à tolerância cumplice nem à repressão pura e simples. Pelo contrário, visa, essencialmente, a criação de alternativas que, partindo da situação actual, adaptem criadoramente a uma nova realidade que se pretende planificar e controlar.

2. O conceito fundamental à volta do qual gira toda a estratégia de intervenção é o de «zona de construção prioritária» (já definidas legalmente). Sabendo nós que a falta de terrenos disponíveis é um dos mais graves problemas do concelho, a criação destas zonas de construção prioritária seria um mecanismo eficiente para que, a breve trecho, os interessados pudessem encontrar áreas para construção sem necessidade de recurso a ilegalidades.

3. Todos os programas eleitorais referiam como prioritária a resolução do problema da habitação e o combate à construção clandestina. Com esta proposta está dado o primeiro passo para a resolução do problema da construção clandestina. A solução proposta, como todas as soluções, é discutível. Mas também será desejável que aqueles que não possuem alternativas, não enveredem pela crítica fácil e destrutiva que apenas poderá levar à manutenção da situação actual. Se mais razões não houvesse (e há-os concerteza), esta proposta seria, no mínimo dos mínimos, uma boa base de trabalho para a discussão.

4. Espinho e os espinhenses não podem esperar muito mais. A resolução deste problema é urgente. Não ser que pretenda que a situação atinja um estado ainda mais caótico e, até, irreversível...

N. C.



Modelo esquemático de intervenção: à esquerda, situação actual, com um pequeno núcleo; à direita, o mesmo núcleo depois da intervenção proposta: a área de expansão já foi delimitada e considerada «zona de construção prioritária», aparecendo as construções pré-existentes perfeitamente enquadradas, além de já estarem previstas novas construções legais.

Parteira Lina

Preparação para o Parto e Pós-Parto, com Ginástica adequada pelo Método Psico-profilático.

Mensagens de Estética
Recuperação, reeducação e ginástica
Rua 18 n.º 482 - Tel. 720904
ESPINHO

FONSECA

TECIDOS
MODAS

Rua 19 n.º 275 - Tel. 720413
ESPINHO

Fernando Rodrigues Lima

Distribuidor de papéis COLOWALL, com novas colecções para 1986 e 1987 acabadas de sair, Vimura, Pareta, Parati, etc.

DESCONTOS ESPECIAIS A EMPREITEIROS

Trav. da Rua 5 (traseiras da Garagem Sousa) — Tel. 721739
ESPINHO

Casa VERMAR

José Rachão e António Marinhão

Especialidade em arroz de marisco, Caldeirada e todos os géneros de Petiscos

Bons Vinhos - Bom Ambiente
RUA 2 N.º 1413 - ESPINHO

Maria do Rosário Currel

Médica - Interna Psiquiatria

Consultas às 6.ª feiras
das 15 às 20 horas

POLICLINICA CENTRAL

Tel. 722111/723671

CARTAZ

O programa mensal do cinema do Casino adquiriu recentemente, uma nova fisionomia, à semelhança dos do saudoso «S. Pedro». A informação deixa de ser impessoal e sorumbática, para se rodear de alguns comentários. Que não atrasam nem adiantam, como simples frases publicitárias que são, mas conseguem trazer um pouco de calor, de comunicação. Pode ser um primeiro passo para uma maior inserção desta sala de espectáculo no meio local...

ESPINHO — CINEMA

SESSÕES NORMAIS

11 a 14/Abril — O ESPÍAO DO SAPATO VERMELHO (M/ 12 anos)

Quando a CIA se quebra em duas, pode ser um país da América Latina a pagar as fávras, ou um pacato violinista da Orquestra Sinfónica da capital. O certo é que a comédia acaba por resultar, como mais um dos muitos produtos limpinhos e inofensivos que costumamos ingerir.

15 a 17/Abril — VENTOS DE VIOLÊNCIA (M/ 18 anos)

O policial francês conquistou, anos atrás, uma reputação muito considerável, que Yves Boisset tentou aproveitar, ainda que não totalmente, com esta história sobre um «gangster» em fim de vida e seu relacionamento violento com os habitantes duma quinta em que se refugia.

Sublinhe-se a força dos desempenhos de Lee Marvin e de Miou-Miou, num argumento pouco original.

SESSÕES DA MEIA NOITE

11/Abril — HOTEL NEW HAMPSHIRE (M/ 16 anos)

A presença da faceta literária e muito vinculada, num filme que não se consegue libertar do romance de John Irving, objecto mal visto pela frontalidade com que aborda questões tabu (incesto, homossexualidade). Um misto de tragédia e comédia louca, que incomoda mais do que qualquer erótico para notívago ver. Não é produto, facilmente, digerível.

12/Abril — ASSALTO A 13.ª ESQUADRA (N.A. M/ 18 anos)

17/Abril — PROFISSÃO MULHER (M/ 18 anos)

Enquanto que uns delinquentes, lá no fundo bons rapazes, tiram desforra numa esquadra de subúrbios; modelos brasileiros, também de profundas qualidades, arrebatam-se a qualquer vassoura com saias. Assalto descarado à nobre profissão de cinéfilo das trevas...

MANHÃ INFANTIL

13/Abril — FESTIVAL TOM & JERRY N.º 2

Os miúdos continuam a gostar das perseguições do gato e escapadelas do rato. Mas enquanto a animação atinge o écran, continuamos a boiar em águas mornas, conformismos e braços caídos, que beliscadelas recíprocas não conseguem alterar!

Joaquim Ribeiro

distinta, em que é definido o regime a seguir pelo contrato específico, sem nunca perder a propriedade. Doutra modo perderemos a propriedade por toda a vida e teremos de aceitar o que for imposto pelo feudo.

MV — O que considera que seria importante fazer para que o futuro da nossa terra seja de progresso económico e social?

JR — Para que o futuro da nossa terra seja de progresso económico e social é necessário desburocratizar e dar resposta rápida, eficiente e justa às solicitações que são apresentadas.

A máquina está perra e caduca.

O progresso económico arrasta consigo o progresso social. A rápida definição do plano director, a rectificação do pla-

continuação da página 4

no de urbanização, conduzirão só por si ao surgimento do progresso económico e social. A apresentação de novas iniciativas culturais, e outras que estão no esquecimento poderão contribuir para o progresso social e, porque não, direi também económico.

Não quero deixar de lembrar a falta de liderança pelas Câmaras em processos que emperram e são abandonados, por os privados não terem possibilidade de assumir essa liderança.

Como Espinhense, desejo alertar a opinião pública para a fraco serviço que o Hospital nos tem prestado, devendo ser encetada a sua ampliação e reestruturação com o fim de prestar um melhor contributo social a Espinho.

Casa Romeu

FILIFE RODRIGUES VITÓ & FILHOS, LIMITADA

Oculista Vitó

2 CASAS ONDE O BOM GOSTO IMPERA

R. 19 n.º 299 e 242 - 721433/723056 - ESPINHO



RASCUNHOS

bem *portanto* apesar da perseguição do árbitro *portanto* e da má forma do seu guarda-redes *portanto* mas que o resultado foi justo *portanto* que vamos a ver o que dá o resto do Campeonato. Ele é o político (do autarca ao ministro) que da crise *portanto* que é preciso combater *portanto* com todas as forças *portanto* para cumprir as promessas eleitorais *portanto* que nunca se cumprem *portanto*. Ele é o cançonetista que *portanto* vai ao Eurofestival das cantigas *portanto* com música *portanto* muito moderna e *portanto* que entra no ouvido mas *portanto* não pode ter pretensões de vender *portanto* porque as nossas firmas discográficas não têm *portanto* capacidade financeira para *portanto* se impôr ao mercado *portanto* internacional.

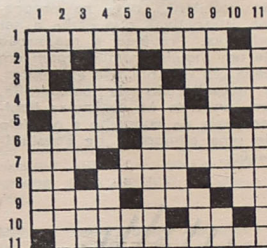
Que tanta facúndia de *portantos* surja destas categorias e outras de portugueses, vá que não vá. E que o apanhado na rua titubeie na resposta ao repórter e meta os seus *portantos* a

esmo nas suas declarações gaguejadas, aceita-se. Agora que isso saia da boca de uma professora, de mais a mais professora de português e do ensino médio, isso é que não. Ouvi com estes ouvidos bem atentos, num desses bons programas da televisão dominical que é o «Crónicas de Bem Dizer». Debatia-se a crise do ensino da língua pátria, com professores de vários graus de ensino. Uma das participantes, entrementando no seu fraseado uma série enorme de «*Portanto & C.ª, Lda.*», afirmava que o seu esforço didáctico visava mais a comunicação oral que a escrita. *Portanto*, quando um pobre aluno vê a sua expressão oral orientada por uma professora que é tão pobre nesse modo de comunicação que excede tudo quanto a musa canta no uso e abuso do *portanto*, mal vai a aprendizagem da língua materna. Se o mestre é mau o aluno, *portanto*, não pode vir a ser bom.

Carlos P. Moraes



PROBLEMA N.º 143



HORIZONTAIS

1 — Perseguições. 2 — Ali; símbolo químico do ouro; rebocar. 3 — O Papa dá a benção assim e Orbi; brejo. 4 — Corcunda; lírio. 5 — Ortoépiá. 6 — Andas no ar; rio. 7 — Juntei; asneira. 8 — Meia gema; silêncio; andou. 9 — Baú; alo; senhor pequeno. 10 — Desbastar; símbolo químico do bismuto. 11 — Desconfiais.

VERTICAIS

1 — Acolá; lentidão. 2 — Aqui; conquistar. 3 — Brami; acredita. 4 — Restos; Calotes. 5 — Trepas; síbolo químico do bário; elas. 6 — Vacinara. 7 — Deus egípcio; idolatres. 8 — Aperta; no meio da birra; rio russo. 9 — Nobres (inv.);

andava. 10 — Nome masculino; novas. 11 — São-no os cariocas.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 142

HORIZONTAIS: 1 — Toada, alta. 2 — Fulminem, ab. 3 — Unr, asnas. 4 — Rirá, atraca. 5 — lc, tc, eíros. 6 — Barracada. 7 — Dorida, gr. 8 — Nua, ato, cai. 9 — Dr., ocasião. 10 — Aboi, tas. 11 — Solilóquios.

VERTICAIS: 1 — Furibundos. 2 — Túnica, Ur. 3 — Olor, RDA, al. 4 — AM, atro, Obi. 5 — Dia, caracol. 6 — Ansa, citado. 7 — Enteados. 8 — Amarida, itú. 9 — Sara, coai. 10 — Tá, Co, ganso. 11 — Abrasaria.

Casa especializada em artigos para Noivas e acompanhantes
Comunhões, Lingerie e Pré-Mamã

ESPOSABELA

Rua 12 n.º 589 — 724203 — ESPINHO

CAN-CAN II

BOITE PIANO BAR DISCOTECA

O seu ponto de encontro

Bastante requinte para que se sinta bem, durante o seu Drink.
Aberto de 2.ª a 6.ª feira, das 21 às 02 horas
e às 6.ª feiras das 21 às 03 horas.

RUA 18 N.º 615 — TELEF. 723442 — ESPINHO

VISTA OS SEUS FILHOS
NA

BOUTIQUE MI

Telef. 724174

Rua 62 n.º 113 - ESPINHO

Milton Pinho
Glória Rodrigues

SOLICITADORES

RUA 28 N.º 583 - R/C
TELEF. 720584

Ciclomotores de Espinho

ANTÓNIO F. DE SA ALVES

Armazém de acessórios para qualquer marca de motorizadas e bicicletas.

Motorizadas — Bicicletas — Acessórios.

Av. 24 n.º 841 — Tel. 723800 — Apartado 107 — ESPINHO

Casa MARRETA

Pedro da Silva Lopes

Especializada em:
Arroz de marisco, Lulas,
Enguias, Caldeiradas, Açorda
de peixe, Bons vinhos

Rua 2 n.º 1355 — ESPINHO
Telef. 720091

FUTEBOL

ESPINHO, 1 - LEIXÕES, 1

Justiça feita no último minuto

Jogo no Estádio da Avenida, em Espinho.

SCE — Silvino, Da Rosa, Victor Manuel, Vieira e Eliseu; Manuel Jorge, Luís Manuel e João Carlos (cap.) (Santos, aos 77 m.); David (Canelas, aos 64 m.), Zé da Pinta e Abel.

LEIXÕES — Nunes; Chico, Fernando (cap.), João Gomes e Amorim; Jacques (Mário Gomes, no início da 2.ª parte), Licínio e Filipe; Pinto Vieira, Quim (Penteado, no início da 2.ª parte) e Paulo Freitas.

Árbitro: Júlio Bastos (Colmbra).

Marcadores: Licínio (76 m.) e Zé da Pinta (90 m.).

Cartão amarelo para Nunes (83 m.).

As duas equipas começaram muito ousadas, num claro 4-3-3, com nítida intenção de procurarem o golo acima de tudo. Foi o Leixões a primeira equipa a criar perigo, mas de imediato foi a vez do Espinho criar a sua primeira oportunidade de golo. Da Rosa e Luís Manuel foram os primeiros a darem o sinal da sua boa disposição em dois lances de futebol jogado ao primeiro toque, sempre apontados para a baliza de Nunes. E apesar de a bola se ir repartindo pelos dois meios campos, era o Espinho quem mais procurava o golo, que esteve para acontecer aos onze minutos por intermédio de João Carlos, depois de bom trabalho de Da Rosa e Luís Manuel no lado direito. Animado com o lance atrás descrito, os espinhenses imprimiram maior velocidade ao jogo, pondo a nu as deficiências da defesa matosinhense. Ainda pela direita, Da Rosa muito bem servido por João Carlos, foi à linha de fundo centrar para David completamente só falhar novo golo.

Era o Espinho quem mandava no jogo, obrigando os leixonenses a recuar cada vez mais

para junto da sua baliza, com o nítido propósito de evitar o golo dos locais. Meio atordoado, o Leixões tentou responder e veio a fazê-lo nos dez minutos finais da primeira parte, vindo inclusivamente um remate de Paulo Freitas a esbarrar na barra da baliza de Silvino.

O Leixões não perdeu o gás no intervalo e nos minutos seguintes controlou o jogo por inteiro. Para esse maior rendimento dos visitantes muito contribuiu as substituições feitas no início do segundo tempo. Aparentando-se do menor rendimento do sector intermédio da sua equipa, Freitas fez entrar Canelas para o lugar de David, com o propósito de dar mais frescura a esse sector. Essa substituição contudo não veio trazer maior consistência ao conjunto.

Quando aos setenta e seis minutos o Leixões inaugurou o marcador, por intermédio de Licínio, foi com toda a justiça que o fez. Seria ainda o Leixões quem esteve perto de fazer funcionar de novo o marcador, valendo na circunstância a oportuna intervenção de Silvino.

No último minuto, quando a derrota já parecia certa, Luís Manuel marcou um canto do lado direito, que permitiu a Zé da Pinta a obtenção do golo do empate.

Por tudo quanto fizeram na primeira parte, seria uma injustiça os espinhenses saírem derrotados deste seu confronto com os leixonenses.

NO INTERIOR
DAS CABINAS...

Findo o encontro, dirigimo-nos às cabinas do SCE, onde a oportunidade trocamos algumas impressões com o técnico e dois jogadores espinhenses, respectivamente Freitas, João Carlos e Silvino.

Começamos por perguntar a Freitas se considerava a permanência na 2.ª divisão como

um dado adquirido, respondendo o mesmo do seguinte modo: «A permanência na 2.ª divisão ainda não está garantida, muito embora tudo indique que esse objectivo vai ser conseguido. Vamos trabalhar até ao fim com a mesma dignidade de sempre, para não desiludir as pessoas que acreditaram em nós».

De seguida, perguntamos qual era a sua posição perante o clube em relação à próxima época, tendo obtido de Freitas a seguinte resposta: «É uma pergunta que deve ser feita aos directores do clube. Eu tenho as minhas ideias que não as vou agora divulgar».

Perguntamos depois a Silvino se continuaria no SCE na próxima época. Aqui fica a resposta do mesmo: «Não faço ideia do que vai acontecer. O F.C. Porto é quem manda e eu terei que aguardar. Ficarei com todo o gosto em Espinho para ajudar o clube numa possível subida de divisão, muito embora hajam contactos com outros clubes».

Com a permanência na 2.ª divisão garantida, é previsível que o SCE vá reunir um grupo de trabalho que devolva o clube ao escalão máximo do nosso futebol. Posta esta questão a João Carlos, o mesmo respondeu do seguinte modo: «O Espinho ainda não tem direcção e como tal ainda não há objectivos concretos. Só quando aparecer uma direcção é que se poderá dizer alguma coisa. Se o Espinho quer subir de divisão tem que começar a trabalhar já. Se contarem comigo para esse objectivo, eu cá estarei para dar o meu melhor».

Aqui ficam as declarações que conseguimos nas cabinas dos «tigres».

A MODELAR

Ervanária — Produtos Dietéticos

Telefone 723068



R. 16 - Merc. Municipal — ESPINHO
Aviamento rápido de receitas de óculos com descontos das Caixas de Previdência

«PEÃO»

Quem esteve presente na Assembleia do SCE, realizada em 26 de Março, na sua sede, convocada essencialmente para ser apresentado o relatório e contas do ano civil anterior, não pode ter deixado de notar em dois aspectos de significado importante: a fraca participação dos associados e a forte vontade da direcção actual em levar o «barco» a bom porto, apesar da crítica situação.

Pelo que ouvimos, essas reuniões públicas do clube têm, ultimamente, perdido o brilhantismo e a participação da massa associativa, comparando-as com outras realizadas não há muito tempo atrás.

E porquê este alheamento por parte dos sócios nestas sessões em que eles têm um papel importante? Não será talvez um reflexo da instabilidade directiva e financeira que o clube vem atravessando? Todavia, os sócios deveriam, nestes momentos menos bons — que atingem afinal todos os clubes — mais do que nunca estar presentes e a ajudar o clube fazendo propostas, dando opiniões, decidindo em assembleia as regras de actuação da direcção de maneira a poderem ultrapassar as dificuldades. Cerca de quarenta pessoas, ou seja, mais ou menos 1% do total de sócios que o Espinho tem, assistiram à assembleia do dia 26. Esta percentagem, só por si demonstra bem a falta de interesse da grande maioria dos associados em relação à situação do clube. Naturalmente que os ausentes, por sistema, preferem as mesas dos cafés para criticar tudo e todos e levantar todo o género de problemas, os quais devem ser colocados e esclarecidos no local próprio, sem atropelos, sem insultos, mas com cavalheirismo e bom tom.

Talvez mais do que a ajuda material, o SCE precisa, neste tempo crítico, de todo o apoio moral dos seus sócios para que a sua revitalização possa surgir.

São os associados que fazem os clubes e todos deverão estar empenhados para que o Espinho, uma vez mais, possa emergir desta crise.

O outro aspecto refere-se à situação difícil (dramática), no campo económico que o clube vem atravessando, apesar de, até este momento se ter feito uma recuperação significativa, diminuindo o passivo em cerca de 1.600.000\$00, mercê de uma política de contenção de despesas que a direcção em exercício pôs em prática, mesmo correndo sérios riscos, nomeadamente na manutenção da equipa de futebol na 2.ª divisão nacional.

Como foi dito nesta assembleia, os sócios têm-se mantido apáticos a todos estes problemas. Os dirigentes actuais, pela sua coragem na condução do clube, pelo esforço desenvolvido nos vários aspectos e pelo trabalho de retenção de despesas, numa altura em que o SCE conhecia a sua maior crise de sempre, mereciam no mínimo a presença, as palmas e a confiança de muitos mais associados, incentivando-os na procura de novos meios para encaminhar a colectividade para a estabilidade desejada.

Esta é também uma forma de auxiliar o clube. Ser sócio não é só ter de pagar a quota.

Uma vez mais se comprova como é importante a relação e a ligação sócios-clube. Todos juntos, dirigentes e associados, a estabilidade directiva e financeira acabarão por triunfar.

Está na forja uma nova equipa disposta a dar continuidade à vida do clube, fazendo renascer a imagem que o Espinho sempre angariou no campo desportivo.

Em breve, o SCE, que ainda é o maior clube da cidade, poderá voltar, com o apoio dos seus sócios, ao tempo do triunfalismo.

FUTEBOL DE SALÃO

Torneio Feminino

Disputou-se na passada sexta-feira, dia 4, mais uma jornada do torneio de futebol de salão que tem organização da secção de andebol do SCE.

O público continua a ocorrer em número bastante elevado ao pavilhão do clube espinhense, o que vem demonstrar o seu interesse pelo torneio.

O facto mais saliente desta jornada foi a pesada derrota sofrida pela equipa do D. Pasolini que vacou perante a turma do Sta. Maria F.C.

Estão desde já apuradas para a segunda fase as equipas do Sta. Maria F.C., D. Pasolini e Jornal União.

Auto-Branco

DE

ARMANDO M. V. BRANCO

Oficina de Reparações de Automóveis — COMPRA e VENDA
Representantes: Pneus CAMAC, Baterias, Peças, etc.
Pronto Socorro Permanente

Instalações:

Estrada de Anta — ☎ 723394 — 4500 ESPINHO

LAVANDARIA

LAVAR

A MAIS AVANÇADA
TÉCNICA NA LIMPEZA E
TRATAMENTO DO SEU
VESTUÁRIO



Limpeza a seco — Lavagem
e secagem de roupa branca,
rendas e bordados

SERVIÇO RÁPIDO

RIBEIRO, VALENTE & C.A., L.ª

RUA 12 N.º 640 — ☎ 723704

ESPINHO

José Albuquerque
Pinho

CLINICA GERAL

R. 31 n.º 321 ☎ 724401

ESPINHO

Consulta por marcação todos
os dias, às horas do
expediente.

ALFAIATARIA MANO

José Ricardo Mano

Executa com perfeição todo
o serviço para homem,
senhora e criança

Rua 30 n.º 731 — ESPINHO
Telef. 721823

DA IMPRENSA REGIONAL

OS ATRASOS DA CP

Já depois das 9,30 h. do dia 8/3 um número razoável de pessoas continuava à espera do comboio, que deveria ter chegado às 8,07 e as levaria ao Porto.

Embora sábado, era para muitos dia de trabalho.

Entretanto sabia-se que estava prestes a passar o comboio dos emigrantes.

Trazia poucos passageiros e tinha paragem em OVAR.

Por estar em causa o grande atraso do primeiro, as pessoas pediram para que lhes fosse facultada a viagem para o Porto no comboio dos emigrantes.

Feitas de imediato as diligências necessárias à Direcção em Campanhã, esta disse NÃO! Resposta obtusa.

(...) OH, atrasos... atrasos de comboios são nos tempos que correm uma constante na nossa CP. Perdão, na deles!... Sim, na deles porque os que lhes pagam que se «lixem».

Terras do Var — N.º 75 (MMM) de 25-3 a 10-4-86

ESPANTALHO PENDURADO

A escassos 20 metros, para sul da «presa» de Santiago, em plena estrada da Igreja, foi pendurado um «espantalho», que configurava um «homem». Tinha colada uma fotografia de Mário Soares, uma lança espetada no pescoço, estava enforcado e em condições obscenas.

(...) Enfim, mais um inclassificável acto de cobardia, por ter sido a coberto da noite, com «arráadas» de estupidez à mistura.

Assim vai Castelo do Neiva, no nobre caminho da cultura, desenvolvimento, paz, concórdia, tolerância e amizade.

In «Monte do Castelo» Neiva do Castelo (N.º 135)

SALÁRIOS EM ATRASO A CRESCER

Entre Outubro e Dezembro de 1985 agravou-se a situação dos trabalhadores com os salários em atraso.

O número de trabalhadores sem receber, aumentou cerca de 20% (de cerca de 100 mil para 120 mil) e o número de empresas devedoras cresceu na mesma percentagem (de 750 mil para cerca de 900 mil). Está é a conclusão do último balanço feito pela CGTP-IN sobre a matéria.

No distrito de Aveiro em Dez.º/85, o número de trabalhadores com salários em atraso era de 5.086, respeitantes a 44 empresas.

Dep.º Informação da CGTP-IN — Março/86

CARLOS MORAES: para quando uma verdadeira homenagem?

Deliberou a Câmara anterior dar o nome de CARLOS MORAES a uma praça da Cidade,

em justa homenagem ao poeta, que afinal acabou por não se realizar em 1985, ano do 10.º

Aniversário da sua morte, como era desejável.

Para que não caia no esque-

cimento se lembra ao actual Executivo a referida deliberação cujo cumprimento já tarda, é de esperar que se dê alguma publicidade e dignidade ao acto da homenagem.

E vem a propósito dizer que no próximo ano, em AGOSTO, se completa o Centenário do nascimento de CARLOS MORAES, seria uma boa data para se fazer a homenagem que, embora proposta e aprovada no mandato anterior, não foi feita no ano do 10.º aniversário da sua morte.

Julgamos que a homenagem com os Jogos Florais previstos para 1986 e a festa de entrega dos prémios, poderia ser enriquecida com a reedição da sua obra e, porque não, a publicação de textos inéditos que se sabe existirem.

É uma boa oportunidade para o Pelouro da Cultura; por nós prestaremos a colaboração que nos fôr pedida.

Rosácea dos meus sonhos

Rondam-me a porta humilde da choupana,
Durante o dia, os sonhos acordados...
— E, em vindo a noite, voltam mais ousados,
Com mais renhida fúria deshumana.

Fica lá para longe a caravana
Dos sonhos que sonhei, em vão sonhados...
— E em frente há sonhos virgens, debruçados
Sobre o meu sonho de ventura humana!

Não pára o sonho, em mim! Cada alvorada
Traz-me nova rosácea burlada
Pelos dedos dos sonhos que cultivo...

E os pobres sonhos são os meus vassallos...
E eu sinto-me orgulhoso de sonhá-los
— Pois cada sonho é prova de que vivo!

CARLOS MORAES



Zona de Jogo: concessão vai acabar em 1988...

Acaba no início do ano de 1988 a concessão da Zona de Jogo de Espinho à actual concessionária, a Solverde, o que aconselha a pensar no processo de adjudicação da nova concessão.

É de crer que o processo possa iniciar-se ainda no ano corrente, já que é algo complexo e moroso, se forem observadas as formalidades de concurso público como é usual.

Mesmo que tal não aconteça, parece-nos que começa a ser tempo da Câmara Municipal iniciar, se ainda não o

fez, o estudo do problema com vista a obter as maiores e melhores participações para o desenvolvimento do Concelho, propondo atempadamente ao Governo, a sua posição.

Para além das participações a obter de uma futura concessão, julgamos que seria do maior interesse encarar outros aspectos, nomeadamente da legislação que rege a forma de utilização de verbas como por exemplo os 20% do imposto de Jogo e outras que a prática demonstra que contrariando o destino inicial são desviadas

para fins totalmente diferentes em evidente prejuízo de Espinho.

Cabe à Câmara tratar este assunto mas pensamos que, dada a sua extraordinária importância no futuro do desenvolvimento do Concelho, devia fazê-lo em consonância com a Assembleia Municipal e outros Órgãos Autárquicos, obtendo uma solidariedade total entre todos, o que reforçaria as posições que venha a assumir.

Devia talvez ser criada uma Comissão que integrasse todos

os Órgãos Autárquicos, a qual em nosso entender, devia preocupar-se em promover a maior audição possível da opinião pública e nomeadamente das forças vivas, como a Associação Comercial, jornais, colectividades desportivas e culturais, sindicatos, etc..

Esta chamada de atenção sobre o problema tenta apenas despoletar as acções convenientes por quem de direito e prometemos a melhor colaboração neste assunto que vamos acompanhar atentamente.

Saudosos tempos do «Café-Concerto» vão ser revividos!

Imagine-se o leitor em 1930. É um pouco a «belle-époque», aqui em Espinho, faltam ainda oito anos para começar a II Guerra Mundial

O «café-concerto» era então uma forma de estar, um relacionamento com a arte e com a vida. O café «Chinez», «Assembleias», «Peninsular».

Espinho marcava presença: Pablo Casals, Amadeu de Sousa Cardozo, Guilhermina Suggia, todos por cá passaram então e muitos ficam, por agora, esquecidos.

Todo este «mundo» agora já tão distante vem até si. Como?

A Academia de Música de Espinho organiza no próximo dia 16, quarta-feira, pelas 21,45 h., no Café Palácio, um «café-concerto» que promete: e, quem sabe se não poderá ser o início de uma recuperação desses tempos áureos?

O espectáculo integra-se nas comemorações do 25.º aniversário da Academia, que ocorre este ano, e os bilhetes podem ser adquiridos na secretaria daquele estabelecimento de ensino. Não perca tempo, a lotação é limitada.

E se tiver um traje da época... será um encanto!

A uma oferta da Sociedade Nacional de Belas Artes, para se realizarem em Espinho exposições itinerantes de Pintura, Desenho e Gravura, o Pelouro da Cultura da Câmara respondeu que de momento não havia em Espinho uma Galeria de Arte para o efeito.

Será que não era mesmo possível reunir as condições mínimas para concretizar estas manifestações, não só culturais mas também turísticas e de divulgação dos artistas portugueses?

Com boa vontade talvez se conseguisse até porque sabemos que neste momento apenas duas Câmaras, e uma é a de Espinho, recusaram a oferta e provavelmente nem todas as que aceitaram terão Galerias de Arte.

a fechar

maré viva
ESPINHO



PORTE
PAGO

ESPINHO